



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CULTURA E ARTE - ICA
CURSO DESIGN - MODA

BRUNO SANTOS BANDEIRA

ROUPA DE VÓ: A “CONSTRUÇÃO” DA IDENTIDADE POR MEIO DA MEMÓRIA AFETIVA DOS NETOS

FORTALEZA
2022

BRUNO SANTOS BANDEIRA

**ROUPA DE VÓ: A “CONSTRUÇÃO” DA IDENTIDADE POR MEIO DA MEMÓRIA AFETIVA
DOS NETOS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Design-Moda, do Instituto de Cultura e Arte, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Design-Moda.

**Orientadora: MSc. Maria do Socorro de Araújo
Miranda**

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B164r Bandeira, Bruno Santos.

Roupa de vó : a "construção" da identidade por meio da memória afetiva dos netos /
Bruno Santos Bandeira. – 2022.
23 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto
de cultura e Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2022.

Orientação: Prof. Me. Maria do Socorro de Araújo Miranda.

1. Roupa. 2. Memória. 3. Vó. 4. Afeto. I. Título.

CDD 391

BRUNO SANTOS BANDEIRA

**ROUPA DE VÓ: A “CONSTRUÇÃO” DA IDENTIDADE POR MEIO DA MEMÓRIA AFETIVA
DOS NETOS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Design-Moda, do Instituto de Cultura e Arte, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Design-Moda.

**Orientadora: MSc. Maria do Socorro de Araújo
Miranda**

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.MSc. Maria do Socorro Araujo Miranda (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará

Prof.Dra. Araguacy Paixão Almeida Filgueiras
Universidade Federal do Ceará

Prof.Dra. Dijane Maria Rocha Victor
Universidade Federal do Ceará

ROUPA DE VÓ: A “CONSTRUÇÃO” DA IDENTIDADE POR MEIO DA MEMÓRIA AFETIVA DOS NETOS

Bruno Santos Bandeira
Universidade Federal do Ceará - UFC
Contato: brunosb@alu.ufc.br

Maria do Socorro de Araújo Miranda (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará - UFC
Contato: msarau.miran@ufc.br

RESUMO

Este artigo apresenta a relação da moda com a memória afetiva a partir das relações familiares e das vivências pessoais do pesquisador com as roupas de suas avós. Com abordagem teórica sobre memória coletiva, partindo da compreensão de memória individual, relação com avós, corpo, envelhecimento e afeto. O pesquisador buscou compreender a construção da imagem da roupa de “vó” sob a perspectiva da memória afetiva e da narrativa dos netos a partir de três categorias de análise: características físicas e pessoais; roupa de vó e roupa de afeto. Para identificar as características dessa roupa e a relação afetiva com a memória. A pesquisa é de natureza qualitativa com procedimentos em estudo bibliográfico. Para coleta de dados foi utilizado um questionário com perguntas abertas para dar liberdade às narrativas da memória dos investigados. A partir da análise foi possível o entendimento da construção e das características que compõem a imagem, criando assim a identidade da roupa de vó, objeto da investigação

Palavras-chave:

Roupa, Memória, Vó, Afeto

ABSTRACT

This article presents the relationship between fashion and affective memory based on family relationships and the researcher's personal experiences with their grandmothers' clothes. With a theoretical approach to collective memory, starting from the understanding of individual memory, relationship with grandparents, body, aging and affection. The researcher sought to understand the construction of the image of “grandmother's clothes” from the perspective of affective memory and grandchildren's narrative from three categories of analysis: physical and personal characteristics; grandma clothes and affection clothes. To identify the characteristics of this outfit and the affective relationship with memory. The research is qualitative in nature with procedures in bibliographic study. For data collection, a questionnaire with open questions was used to give freedom to the memory narratives of those investigated. From the analysis, it was possible to understand the construction and the characteristics that make up the image, thus creating the identity of the grandmother's clothes, object of the investigation.

1 INTRODUÇÃO

Começo essa pesquisa retornando aos conselhos de Lancri (2002) apud Brites e Tessler (2002, p.18) que considera que devemos começar a investigação de uma pesquisa tendo como início o meio, o meio de nossas práticas. Conforme os autores, “é no meio que convém fazer a entrada em seu assunto. De onde partir?

Do meio de uma prática, de uma vida, de um saber, de uma ignorância. Do meio desta ignorância que é bom buscar no âmago do que se crê saber melhor.”

O interesse pela temática a ser abordada nesse estudo vem se desdobrando aos poucos e de forma fragmentada. Destaco de grande importância às histórias de familiares sobre a infância, contada com riquezas de detalhes, o interesse sobre o estudo da moda e das artes visuais, e, as experiências durante a vida acadêmica nas disciplinas no curso de Licenciatura em Artes Visuais no Instituto Federal do Ceará (IFCE), e na disciplina de Ergonomia de Produto (2017.2) no curso de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará (UFC), por me fazer retomar os pensamentos sobre essa pesquisa.

Como graduando em Design-Moda, pude perceber a relevância de se trabalhar a relação *memória e roupa*. Acredito na importância das vivências cotidianas e da memória em processos criativos e de metodologias utilizadas na concepção de produtos de moda, uma vez que ela possibilita a aproximação entre a roupa, elementos de design, corpo e lugar, com os sentimentos que essa possa vir a nos causar. Atualmente, tem se percebido no mercado de moda o crescimento de marcas que trabalham com narrativas afetivas. A economia afetiva tornou-se um novo modelo de criação e consumo que repensa a cadeia produtiva e busca empregar novos significados aos produtos, para assim, criar um vínculo de compra emocional. Para Jackson Araújo, Comunicólogo Ativista da sustentabilidade, criador do termo Economia Afetiva “a moda não é mais sobre roupas, mas sobre pessoas!”.

As trocas estabelecidas pelos afetos pressupõem reciprocidade, impulsionando a circularidade dos processos. O que se defende é a importância da valorização de um sistema em que as relações de troca estabelecidas “modificam a visão mercantil de lastros econômicos para atos recíprocos e afetivos” (ARAÚJO, 2018, p.12).

Compreendo que as roupas carregam em si memórias e significados, que são configurados desde o pensamento de sua criação, confecção, até o seu ‘descarte’. Nery (2015) define memória de modo amplo: A memória é algo que se constrói depois do ocorrido, a posteriori, é a relação do homem com o tempo, é aquilo que guardamos do nosso passado sempre ressignificado (NERY, 2015, p. 29).

Em uma sociedade em que as heranças das memórias familiares são cada vez mais irrelevantes, em que mal olhamos uns aos outros, busco por meio dessa pesquisa uma aproximação de afeto por meio da relação memória e roupa. Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender a construção da imagem da roupa de “vó” sob a perspectiva da memória afetiva dos netos. Além disso, o estudo tem como objetivos específicos abordar os conceitos de avosidade (ZANNIN e SILVA, 2020), moda e sua relação com memória afetiva, corpo e envelhecimento. Dessa forma, abordaremos as lembranças e a construção da imagem da roupa de vó por meio da memória afetiva sobre o olhar do outro, baseando-se na relação de avós-netos para identificar quais características e a identidade dessa roupa.

Partindo das vivências pessoais do pesquisador, aborda-se o ato de deslocar-se de uma ação artística e pessoal, tendo como suporte lembranças, registros fotográficos e vídeos da figura que desponta o interesse a ser investigado. Assim, relações e memórias inicialmente dizem respeito às minhas avós: materna e paterna que foram inspiração para construção do objeto e hipótese de que a maioria dos netos têm lembranças de suas avós relativas à forma de vestir. Assim, a pesquisa ampliou espaço para compreender e refletir sobre as memórias afetivas de outros netos e de suas relações sobre a imagem e o afeto com suas avós abordando desse modo, a memória individual e coletiva.

Considero que a memória individual nada mais é do que aquela guardada por um indivíduo e as suas vivências. Como exemplo, a fazenda de crepe na cor azul céu, na qual minha avó foi presenteada, estampada por nuvens, um crepe leve que se transformou em vestido de “ir à cidade”. As formas/silhuetas do vestido de corte reto, abotoamento frontal, manga curta e dois bolsos aplicados na frente, onde ela costumava guardar um lenço e um pouco de fumo Maratá. Se essa lembrança possuísse cheiro, seria esse, de fumo de mascar, ou o cheiro de óleo de coco, usados em seus cabelos. Tais lembranças me fazem rememorar uma época que corria para o portão de casa, esperando minha vó descer do carro para pedir a *“bença vó”*.

Importante considerar conforme Halbwachs (1990), que a nossa memória individual está baseada em muitos sinais, como sentimentos, paisagem, cheiros, elementos do lugar onde nos encontramos ou de onde já estivemos. Mas ao

falarmos sobre memória individual precisamos ter ciência que essa memória está relacionada a interações sociais e coletivas.

O mesmo autor considera que cada memória individual é um aspecto sobre a memória coletiva que é construída pelo convívio social, e assim define:

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (HALBWACHS, 1990, p. 25).

Assim, abordamos a memória coletiva, partindo da compreensão de memória individual, que se expande das lembranças do pesquisador por meio da memória individual para as relações familiares (avós-netos) como representação da memória coletiva.

Memória coletiva são as impressões e registros de memória relevantes para um grupo social, porque fazem parte das histórias de vida deste grupo e compõem sua identidade, o autor Halbwachs (1990) diz:

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALCOWACHS, 2013, p. 39).

O autor Berduccy (2007, p.18) aponta o lugar como vínculo de emoção do nosso cotidiano, assim, “o olhar ao nosso interior (memória) e ao nosso entorno (cultura) podem abrir um mundo de possibilidades de criação, formas de compreender e recriar o mundo ainda não exploradas no contexto da criação contemporânea.” É partindo desse olhar para dentro de casa, da família e das narrativas que se constroem que começo essa pesquisa.

A metodologia desta pesquisa é de natureza bibliográfica de cunho qualitativo. Foi utilizado o questionário como instrumento para coleta de dados, e uso da ferramenta google forms para alcançar os resultados desse estudo. Foi obtida a resposta de 25 participantes (netos), sendo 40% do sexo masculino e 60% do sexo feminino.

A partir da análise de suas respostas foi possível o entendimento da construção e das características que compõem a identidade de roupa de vó, por meio da memória afetiva e percepção dos netos, como formas/silhuetas, cheiros, cores.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

2.1 Cheiro de vó

Em segundos, um cheiro pode te despertar uma memória viva, de um lugar, uma pessoa, ou um determinado momento. Conforme Corrêa (2018) “o nosso olfato está diretamente ligado ao sistema límbico – parte do cérebro onde se concentram as memórias e local de onde surgem as emoções”.

Certamente em algum momento, um cheiro despertou alguma lembrança boa ou ruim, isso porque segundo esse autor, o olfato é o sentido mais ligado às emoções e as memórias. Que cheiro tem nossos avós? Como nos perfumes que são produzidos a partir da combinação de fragrâncias, podemos considerar que o cheiro de vó é uma combinação de lembranças associadas a vários outros cheiros.

O sentido do olfato gera o surgimento de padrões mentais esquecidos, estimula conexões entre referências e desperta experiências retiradas e remotas que de alguma forma deixaram impressões do passado (BARBEITOS 2009, p.9).

Conforme o autor, muitas vezes essas lembranças podem estar em um limbo, adormecidas, e o surgimento de um cheiro específico relacionado a essas lembranças sejam o gatilho para descortinar algum tipo de emoção.

É na infância que as memórias são construídas e os valores que adquirimos se tornam pilares para nossa identidade. Considero a figura da avó o despertar para a memória afetiva. Se pararmos para refletir, nos contos infantis muitas vezes a figura central são as avós e sua relação de afeto e proteção com os seus netos.

Qual imagem temos de nossas avós? Quais lembranças e ensinamentos guardamos dessas mulheres? Durante os últimos dias evitei escrever sobre alguém que está presente nessa pesquisa. Ao retornar, me deparei com a seguinte

passagem de O casaco de Marx (2008) “Para mim havia simplesmente um vazio, uma ausência e algo como uma raiva por causa de minha própria incapacidade de sentir dor e tristeza” (STALLYBRASS,2008 p.8), que me fez imergir em lembranças, que me ajudaram a retornar a pesquisa.

Ao fechar os olhos e buscar por momentos com minha avó paterna, tento lembrar a última vez que estive presente, olhos nos olhos. Talvez a muito tempo, anos. No abraço ainda pequeno, mas gigante pelo afeto ou talvez ela estivesse presente comigo, numa noite, ao segurar sua carteira com seus pertences, ao lamentar a sua partida.

As lembranças mais claras que tenho são as da infância, durante as tardes no período de férias, o balanço da rede, minha curiosidade em explorar o seu guarda-roupa, dos seus vestidos, os diferentes frascos de perfume, as fotografias e cartas guardadas na gaveta, me recordo de objetos de decoração marcantes, como o conjunto de elefantes em porcelana, a escultura de chifre de veado, a pintura que remetia a Mona Lisa de Leonardo da Vinci, e de algumas bijuterias que aos meus olhos de garoto eram vistas como joias, um conjunto, brinco e colar de pérolas.

Conforme Barros (1987), Araújo & Dias (2002), Motta (2004), Peixoto (2004) *apud* Azevedo e Rabinoich (2012, p. 214), pesquisadores nas relações entre avós e netos consideram que as:

“avós têm sido crescentemente estudadas quanto ao seu papel na família devido à sua importância no grupo familiar, seja como apoio afetivo, educacional ou/e financeiro e devem ser vistas dentro do quadro de diversidade social e cultural em que tal condição opera e existe”.

As avós têm o papel de mediadoras muitas vezes nas relações entre pais e filhos, como suporte e em alguns casos assumindo a função paterna ou materna, sendo considerado uma figura de referência parental aos netos.

2.2 Relação Avós-Netos: uma relação de trocas afetivas

A reflexão sobre a relação dos avós-netos remete-nos, categoricamente, para nossas vivências e experiências em família. Nos faz reviver a saudade e memórias, para algumas histórias contadas por seus pais sobre nossos avós, para outros as lembranças do convívio diário. Saudades dos presentes e dos que já

partiram. Para refletirmos melhor sobre essa relação no campo da afetividade, é preciso entender primeiro o que se denomina de Avosidade. O que é? Para Goldfarb e Lopes (2006):

Os termos vovozice ou avosidade estão empregados como denominação de uma problemática humana conflitiva: o neto representa promessa de vida em relação a certos ideais e morte em relação ao declínio físico e a consciência de finitude. Avosidade não se remete a idade cronológica, mas a um laço de parentesco localizado nas filiações trigeracionais do ponto de vista pessoal, familiar e social (GOLDFARB e LOPES 2006, p. 9).

Dessa forma, as autoras consideram que avosidade trata-se de um laço de parentesco interligado do ponto de vista pessoal, familiar e social, sendo avosidade uma função ligada à maternidade ou paternidade.

As autoras Zannin e Silva (2020), consideram que, assim como outras nomenclaturas já conhecidas como a relação pai e filho é denominada de paternidade e mãe e filho de maternidade, a relação entre avós e netos pode ser referida como avosidade.

Essa relação entre avós e netos, também têm significados próprios, aquele que exerce a função de avô ou avó pode ser entendido como uma construção social (ZANNIN e SILVA, 2020). As autoras consideram o envelhecimento uma fase de estímulos para mudanças psíquicas e sociais, e a experiência de se tornar avô ou avó durante a fase do envelhecimento um marco relevante nas relações familiares. Embora seja avô ou avó independente de velhice. Mas, o convívio com os netos possibilita mais um laço de afeto familiar, uma nova fase que se estabelece com mais frequência na velhice, mas, atualmente, é muito recorrente se tornar avô ou avó em fases distintas.

A relação entre avós-netos, a avosidade, segundo Carvalho (2019) *apud* Goldfarb e Lopes (2011), depende de fatores como a estrutura psíquica daquele que se tornou avô/avó. Conforme o mesmo autor, a história familiar e o meio cultural em que o vínculo se desenvolveu e ainda que o gênero possui uma acentuada diferenciação, pois para a mulher é mais fácil e importante ser avó de forma mais atuante e participativa do que para o homem.

Assim, refletir sobre a avosidade se faz cada vez mais necessário permitindo com isso, a sensibilização para importância do convívio familiar e a

qualidade das relações familiares, em especial, das relações entre netos e avós idosos e o fomento à proteção aos direitos das pessoas idosas (ZANNIN e SILVA, 2020).

Reflico sobre o meu convívio na infância, com minhas avós, enxergando as particularidades de ambas, mas o carinho no encontro, o abraço de boas-vindas, ou o dizer “benção vó”, quanto afeto era demonstrado por parte delas: o cuidado, o agradar os netos, se doar e oferecer o melhor, “mimar” parece ser característica universal nessa relação.

Para Souza (2016) este maior tempo conjunto pode ocorrer num contexto de dependência ou independência dos avós, daí que não se possa desejar apenas que os avós cuidem dos netos, cada vez mais poder-se-á esperar que também os netos cuidem dos avós.

2.3 Corpo e Velhice

Relações sensíveis partindo da roupa são alinhavadas durante esse processo, seguidas de nossas vivências, junto ao corpo e o lugar.

Corpo esse que é suporte para roupa, a mesma é tida como signo, responsável por revelar e *velar* sentimentos atrelados a sociedade. No campo da moda o corpo é tido como grande potência na geração de imagens. Essas imagens em torno do corpo na moda, na sua maioria, ainda na contemporaneidade são imagens de corpos jovens, e muitas vezes responsáveis por ditar padrões sociais. Mas e os outros corpos? E os corpos velhos, por exemplo?

Fonseca (2018) discorre sobre a discriminação por meio da moda ao não desconstruir e incluir corpos reais.

[...] Confrontado com esta exigente visibilidade, inúmeros são os que se sentem sós face à ambiguidade de ser e parecer como naturalmente são. Os corpos portadores de aparência que contraria as normas solicitadas socialmente são discriminados e, às vezes, isolados (FONSECA, 2018, p. 116).

Para Mesquita e Castilho (2011), os corpos inclassificáveis titulado a partir do show de Ney Matogrosso, inclassificáveis são corpos livres, corpos que apesar da idade e do envelhecimento convivem e se descobrem nessa nova fase como uma afirmação de liberdade:

Quando penso em uma forma positiva de envelhecer penso, em Ney Matogrosso, em outros homens e mulheres que nunca foram e nunca serão controlados pelas normas sociais. São indivíduos, que se reinventam permanentemente, que podem nos ensinar sobre a “bela velhice” (MESQUITA e CASTILHO, 2011 p. 77).

Mesquita e Castilho (2011, p.54) fazem uma pergunta importante: “o quão atento está o campo da moda para os idosos, para a diversidade na velhice e para o aumento de expectativa de vida?”. As autoras nos questionam enquanto pesquisadores da área e nos levam a refletir se estamos atentos aos corpos e as necessidades dessas pessoas.

Seja um jovem ou velho, se pararmos para refletir sobre a abrangência e potencial da moda na vida social das pessoas e que muitas vezes esses não se identificam com o que essa produz, é preciso investir em temáticas e estudos que abordem a diversidade dos que intitularam de grupo social dos excluídos. Com relação a essa abordagem as autoras Mesquita e Castilho (2011) reiteram:

A moda como um campo privilegiado socialmente na construção da aparência pode contribuir de modo significativo para a promoção das diversas realidades da velhice, que se distanciam dos estereótipos de decadência ou negação comumente associados de maneira reducionista a essa fase da vida (MESQUITA e CASTILHO, 2011, p.54).

Considerando o avanço do envelhecimento populacional, é preciso pensar sobre produtos de moda, além de seus fins estéticos, alinhando conforto, ergonomia e estética, pois pouco se estuda, cria e investe em relação a esse público.

2.4 Roupas e Memória Afetiva

A roupa é responsável por carregar todo o significado do papel que nós, enquanto indivíduos, representamos dentro da sociedade, por algum tempo ela foi meio para diferenciar classes sociais, embora hoje, com o aceleramento da indústria da moda, não exista nenhuma evidência que assegure a veracidade no meio da sociedade em que possam dizer fazer parte, mas a roupa é tida como símbolo de linguagem desde os primórdios e continua sendo uma transmissora de mensagem, visual. As autoras Santos e Santos consideram que "A roupa é um objeto têxtil capaz de fazer o contato físico do corpo com o meio ambiente, devendo,

portanto, cumprir suas funções de proteção, oferecendo segurança e conforto ao usuário” (SANTOS e SANTOS 2010, p.208). Ao falarmos sobre roupa, moda e memória, devemos compreender a importância da vestimenta para a construção de memórias afetivas. Mas afinal, o que se entende por moda? O que é memória? E qual a relação da memória afetiva com a roupa?

A palavra moda, é derivado do latim *Modus*, refere-se à maneira ou método, relacionada aos hábitos de determinados grupos sociais e suas regiões. Para a autora Treptow (2013, p.21) “... a moda é um fenômeno social de caráter temporário que descreve a aceitação e disseminação de um padrão ou estilo, pelo mercado consumidor, até a sua massificação e conseqüente obsolescência como diferenciador social”. A autora aborda um de muitos dos conceitos de moda, baseando-se na vertente da indústria da moda e de seus ciclos de duração.

Ao pensarmos sobre moda e afeto, entende-se que exista um ciclo paralelo ao da indústria da moda, no qual a roupa deixa de ser mero produto físico de moda, e passa a ter um significado e valor simbólico.

A definição de memória se estende em vários campos, sendo considerada por muitos um conceito denso e vasto. Para o historiador francês Le Goff (1924), sua abordagem de memória está voltada para o lado da psicologia e memória social, pautando o sujeito na ação de coleta de acontecimentos.

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1924, p. 419).

Conforme a definição de memória da filósofa Marilena Chauí (2000, p. 158) “a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais”.

O conceito da autora me evoca ao Livro de Peter Stallybrass, *O casaco de Marx - Roupas, memória, dor, e as relações de memória, afeto e roupa*. Conforme o autor, “foi assim que comecei a pensar sobre roupas. Eu lia sobre roupas e falava aos amigos sobre roupas” (STALLYBRASS, 2008 p.10). O autor refere-se ao momento de evocação ao passado, onde consegue sentir a presença e momentos

vividos a partir de uma jaqueta deixada pelo seu falecido amigo.

[...] a mágica da roupa está no fato de que ela nos recebe: recebe nosso cheiro, nosso suor, recebe até mesmo nossa forma. E quando nossos pais, os nossos amigos, e os nossos amantes morrem, as roupas ainda ficam lá, penduradas em seus armários, sustentando seus gestos ao mesmo tempo confortadores aterradores, tocando os vivos com os mortos (STALLYBRASS, 2008 p.10).

Conforme esse autor, a roupa pode ser considerada um tipo de memória, passando a despertar sentimentos e sensações.

3 METODOLOGIA

Para a presente pesquisa, inicialmente, realizou-se a leitura de livros e artigos que deram o embasamento teórico necessário. Assim, a metodologia utilizada é de caráter bibliográfico. Para Lakatos & Marconi (1991) pesquisa bibliográfica tem relação com o levantamento teórico feito para a pesquisa:

Trata-se de levantamento de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto. (LAKATOS & MARCONI, 1991, p.43 - 44).

A abordagem dessa pesquisa é qualitativa, pois de acordo com Prodonov e Freitas (2013) tal abordagem tem em seu significado uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, ou seja, um cargo de ligação entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, onde não se pode traduzir em números. Optamos pelo questionário como instrumento deste estudo. O questionário é um instrumento compreendido por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante (respondente). Tem como objetivo trazer ao investigador respostas para o estudo de maneira simples e direta (PRODANOV e FREITAS, 2013). Dessa forma, não havendo espaço para subjetividade de quem faz a pesquisa. O objetivo principal com a utilização do questionário é apresentar a questão investigada como ela se apresenta.

Foi utilizada a ferramenta do *google forms* para a aplicação do questionário contendo questões abertas. O instrumento foi enviado a um grupo de participantes (netos) das avós do pesquisador no período de oito dias, entre 12 de junho ao dia

19 de junho de 2022. Com objetivo de abrir a pesquisa para mais participantes que se dispusessem livremente a participar deste estudo, o instrumento também foi disponibilizado no Instagram. Foram obtidas 25 respostas. Os dados qualitativos obtidos nesta pesquisa foram analisados partindo das respostas dadas pelos participantes. Conforme referido, o tratamento dos dados das entrevistas foi realizado por meio da análise das perguntas. Foi respeitada a identidade de cada entrevistado, para isso, fez-se o uso de códigos para identificá-los durante a narrativa da análise dos resultados. A análise dos dados foi feita considerando, três categorias de análise:

1. Características Físicas e Pessoais; 2. Roupas de vó; 3. Roupas de afeto.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aos poucos a memória afetiva por meio da roupa vem ganhando pluralidade no campo da moda.

Essa construção de lembranças dos netos entrevistados foi baseada no que Halbwachs (2013) denomina de memória coletiva, conforme o autor:

lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós (HALBWACHS, 2013, p. 30).

Partindo das lembranças dos entrevistados, o processo de análise se deu através de três categorias escolhidas de acordo com as perguntas do roteiro. Elas foram usadas para o entendimento da imagem e da roupa de vó.

3.1 Características Físicas e Pessoais

Ao serem questionados sobre as características físicas e de personalidade de suas avós, os entrevistados consideraram em suas respostas que as suas avós possuem ou possuíam algumas características semelhantes, como: cabelos brancos, idade avançada, com isso a estrutura física que condiz com o perfil de mulheres em fase de envelhecimento, caracterizando-se assim a imagem de uma avó tradicional, como as tradicionais personagens de livros infantis.

*“Cabelo **grisalho** e curto, calma e serena, com óculos de grau, usando roupas de **conjuntos com estampas iguais para a blusa** e o calção e com o livro de palavras cruzadas na mão.” (Neto 3)*

*“**Magra, baixa, cabelo liso e grisalho.** Era uma pessoa bem desconfiada em relação às pessoas” (Neto 8)*

*“Uma senhora bem **"pequeninha"** levemente curvada pela idade, com dificuldade de locomoção.” (Neto 16)*

*“Minha avó é **baixinha** e sempre usa o cabelo preso com um pentinho, é um amor de pessoa e **por conta da idade anda bastante teimosa.** Muito prestativa e adora tomar café.” (Neto 6)*

Conforme Dias (2002) embora essa seja uma característica recorrente nas narrativas, essas características vêm mudando. Atualmente, porém, avós são pessoas que estão nos meados da vida, envolvidas em atividades profissionais e sociais, praticando esportes ou exercícios físicos e que se envolvem no papel de avós com satisfação (JOHNSON, 1983, REBOUL, 1994).

É o que podemos verificar em algumas respostas:

“Minha avó era uma mulher decidida, que amava muito sua família. formou-se em Ciências Contábeis e trabalhou na prefeitura desde muito nova. Na juventude estudou pintura e foi uma das primeiras alunas na Ação, foi citada na tese de mestrado pela colega Nice Firmeza. Sabia de crocheter, tricotar e bordar também.” (Neto 11)

“Italiana típica, comunicativa, honesta, tranquila. Ela era modelista e bordadeira era boa vendedora, na época batendo de porta em porta para vender enxovais. Cabelos ondulados na altura do ombro, olhos castanhos, alta, corpo volumoso, pernas grossas. Compreensiva e sempre disposta a ouvir e perdoar. Ela

tinha uma facilidade e habilidade incrível de sobrepujar o que a ofendia.” (Neto 13)

Ao analisar as narrativas descritivas, das características físicas e de personalidade, verifica-se o cuidado por parte do neto ao fazer referência de forma carinhosa “bem pequeninha”, “pentinho”, demonstrando que os papéis sociais, mudaram, aquele que era cuidado, passou a cuidar e a zelar. O referir a avó no diminutivo é recorrente nas respostas dadas pelos netos, é possível enxergar uma possível interação entre ambos de forma presente no convívio familiar, “sempre disposta a ouvir e perdoar”.

3.2 Roupas de Vó

Do ponto de vista histórico, a roupa tem uma função pertinente. Por meio dela é possível entender de que forma determinado grupo social se comporta. Nesse caso, de que forma nossas avós se vestem, e que roupa é essa?

Sobre o modo em que nossas avós costumam se vestir foram obtidas as seguintes respostas, que demonstram que o perfil dessas avós, na maioria, ainda é de avós tradicionais, que buscam se vestir com roupas confortáveis, como vestidos camisolas, de silhueta trapézio, conjuntos de duas peças, que muitas vezes utilizam da anágua como forma de proteger de pudores, modelagens simples, tecidos naturais e estampas florais ou neutras. Fagundes (2011) observa que:

A roupa – como objeto material de uso cotidiano – é dotada de elementos subjetivos, composta por uma memória sensitiva e carregando nossa forma física, nosso cheiro, nosso suor. Carrega também memórias, nomes e o espírito de quem a pertenceu (FAGUNDES, 2011, p. 1).

Dessa forma, é por meio da narrativa e das relações afetivas construídas na relação avó-netos, que a roupa passa de objeto material de uso cotidiano, para roupa de vó, que carrega sentimento, cheiro e lembranças.

“Vestidos do que se considera típicos da idade: florais ou monocromáticos. Às vezes, lembra roupa de “beata”, mas ela é aguda demais para as “beatices” obtusas de suas colegas de

idade”. (Neto 15)

“Minha avó usa vestidos, sempre que vejo os vestidos de vó no centro perto da catedral só lembro dela. **Vestidos de algodão, simples e coloridos, com detalhes de bordado na gola e botões na frente. E usa o pentinho para amarrar o cabelo.**” (Neto 6)

“**Materna: com camisas e saia que vai até a altura dos joelhos ou vestidos com botões na frente, nunca usa shorts ou calças. Paterna: vestidos florais e também não usa shorts ou calças**” (Neto 7)

“Ela tinha um modo de vestir muito simples, mas **gostava de tecidos de algodão** de cores neutras, a única estampa que usava era listrado e odiava marrom” (Neto 10)

“Ela se vestia com aquele **vestido clássico estilo camisola de vó**”. (Neto 11)

“Ela utilizava vestidos longos, bastante simples, com cores neutras. **No inverno do Sul, casacos pesados, cores mais frias, calça e bota para fazer os serviços no sítio.**” (Neto 2)

“Ela mesmo confeccionava suas roupas. Estava sempre elegante, mesmo estando em casa. Mesmo não tendo posses (materiais), ou dinheiro para roupas caras, ela mesma costurava e nem precisava de luxo, porém estava sempre, sempre elegante, da cabeça aos pés. E bem penteada também. Normalmente com **saia tipo secretária, de alfaiataria, social, com blusas de algodão, manga bufante ou vestidos transpassados.**” (Neto 13)

“Usava sempre umas calças mais curtas, nunca usava vestido (só vi ela de vestido em foto de quando ela era nova, nos anos 60.” (Neto 18)

*“Ela faleceu em 2011, mas durante todo o tempo que pude vivenciar com ela minha mãe era sua cuidadora e costumava vesti-la com aqueles **vestidos de senhorinha (de algodão com bolsos no comprimento e golinha meio Peter-pan arredondadas)**, disponíveis naquelas lojas do centro que ficam próximas a Emcetur.” (Neto 19)*

“Conjuntinho de blusa e saia um pouco abaixo dos joelhos. Blusas de manga $\frac{3}{4}$.” (Neto 25)

Se conclui que, apesar da forma descritiva em relação a roupa, o modelo seja um vestido clássico “estilo camisola”, ou uma saia “tipo secretária”, são os momentos de vivência com essas avós e seus netos que vão possibilitar essa associação entre roupa e memória afetiva, no qual denominamos aqui, de roupa de vó.

3.4 Roupas de Afeto

Foi realizada a seguinte pergunta aos entrevistados: “existe alguma peça de roupa que sua avó veste que te faz lembrar dela?” As respostas a seguir demonstram o tipo de roupa que os netos lembram de suas avós:

“Sim, uma camisa vermelha com rendas na gola, ela usa muito.” (Neto 4)

“Anágua de saia para usar debaixo dos vestidos” (Neto 6)

“Vestido de flor. Quando penso em minha avó lembro de uma flor chamada gérbera, sua preferida.” (Neto 8)

“Roupas sociais, camisa manga bufante e saia tipo secretária com sapatilhas baixinhas de tecido bordado. Ela tinha uma sapatilha tipo lona, bordada com lantejoulas pretas. Eu fecho os olhos e posso ver. Saudades.” (Neto 13)

“Camisolas de vó.” (Neto 16)

*“Sempre usava vestido com estampas floridas e em tons claros.”
(Neto 21)*

*“Os conjuntinhos de blusa e saia longa / abaixo dos joelhos.” (Neto
25)*

As respostas foram muito semelhantes ao do tópico anterior. Parece que a proximidade física possibilita as relações de cuidado entre gerações, bem como o fortalecimento de vínculos afetivos. Com isso, em algumas respostas, pode-se perceber o foco e a associação de uma única peça de roupa, que marca a imagem de suas avós. Essas imagens vinculadas aos indivíduos podem dizer muito sobre eles, nos ajudando a identificar e a imaginar como são essas mulheres, seus cheiros, seus gostos pessoais, o seu abraço, não importa qual o material ou modelo, aqui, o que importa a lembrança, o sentimento na qual aquela imagem vai nos remeter.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do desenvolvimento desse trabalho, se conclui que a proximidade física possibilita as relações de cuidado entre gerações, bem como o fortalecimento de vínculos afetivos. Com seus resultados foi possível caracterizar por meio descritivo dos relatos dos seus netos, o que é roupa de vó. A roupa de vó se estende do campo material palpável, ao campo sensível dos sentidos.

A análise das respostas permitiu o entendimento da construção e características que compõem a imagem de roupa de vó, considerando as memórias do pesquisador e demais participantes tais como biotipo, formas/silhuetas, cheiros e cores. Além disso, foi possível verificar que os aspectos de personalidade interferem na escolha pessoal das roupas. Apesar de a grande maioria, ao rememorar suas lembranças, considerar a forma de vestir de suas avós usando roupas bem tradicionais, e clássicas, aquelas das histórias infantis, foi possível verificar, no entanto, avós mais modernas que se vestem com roupas com tendência de moda.

Devemos considerar que o trabalho poderia ter analisado os dados conforme o gênero e verificar se existem diferenças na forma como as lembranças são

referidas por homem e mulher. Em função do tempo, a pesquisa não conseguiu ser abrangente o suficiente para fazer esse tipo de cruzamento de dados. Considera-se que a temática é interessante para o campo da moda, possibilitando o despertar em outros estudantes o desejo de continuar desenvolvendo trabalhos sobre a temática e abranger outras categorias dentre elas a de mercado.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Tâmara e RABINOVICH, Elaine **Retratos da avó na literatura infantil contemporânea** de Ana Maria Machado e Ruth Rocha

ARAÚJO Jackson e PREDABON Luca **Economia Afetiva Aprendizado para o futuro.** <<https://fundacaohermannhering.org.br/img/publication/publicacao-economia-afetiva-um-aprendizado-para-o-futuro-por-fundacao-hermann-hering.pdf>> Acesso: 2 de agosto de 2022.

BARBEITOS, Carmo Lédna Pereira. **Percepção do olfato: folhas que não guardei.** Revista UFBA 2009. Disponível em: <<http://www.revistaohun.ufba.br/pdf/ledna.pdf>> Acesso: 10 de agosto de 2022.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito; tradução Paulo Neves.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. - (Coleção tópicos).

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política.** Obras Escolhidas, Vol. 1,3. ed. Brasiliense Editora, 1987.

BEHAR, P.; SOUZA, A.P.; AMARAL, C. Objetos de aprendizagem para professores da ciberinfância. **RENOTE- Revista Novas Tecnologias na Educação**, v. 7, 2009, p. 56-66.

BOTTON, André e MODESTO, Edcleberton. **Movimentos da Memória em poemas da recordação de Conceição Evaristo.** n. 19 (2019): Travessias Interativas jul-dez/2019 Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/article/view/12675>> Acesso: 20 de Junho de 2022.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos, 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BRITES, Blanca e TESSLER, Élida. In. **O meio como ponto zero**. Metodologia da Pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002 (Coleção Visualidade).

DE BERDUCCY, Sandra **A memória como ponto de partida** Trançados de um processo criativo/ Revista Cultura Visual, 2007.

DIAS, C. M. S. B. A influência dos avós nas dimensões familiar e social. **Revista Symposium**, 6(1), 34-38. Ciências, Humanidades e Letras, Universidade Católica de Pernambuco, 2002.

FONSECA, Raquel. O olhar científico e o olhar fotográfico sobre corpo: uma objetividade inacessível. In: Org. LEOTE, Rosangela & CARVALHO, Agda. **DAT JOURNAL**: Vol 3 No 1 (2018): Body/Object/Space: Perceptions and Transductions. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2018. Disponível em <<https://datjournal.anhembi.br/dat/issue/view/6/6>> Acesso: 28 de julho de 2022.

GOLDFARB, D. C.; LOPES, R. G. C. **Avosidade**: a família e a transmissão psíquica entre gerações. Tratado de Geriatria e Gerontologia. Freitas, E.V. 2011. Guanabara-Kogan, RJ.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 1991.

SANTOS, Caroline Zanardo Gomes dos, SANTOS, Joyce Ribeiro dos. **Design de Moda: O corpo, a roupa e o espaço que os habita**. REVISTA MULTIDISCIPLINAR da UNIESP. Saber Acadêmico N.9, 2010.

SERRAL, I.; MESQUITA, C. **O corpo encontra a roupa**: Design de Moda entre normatização e utopia. DAT Journal, v. 4, p. 52-75, 2019.

SCHNEID, F. H. Vestidos da Memória: os registros de casamento em um álbum de família - 1ed.-Curitiba: Editora Prismas, 2018

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. 3. ed. Belo Horizonte:Autêntica Editora, 2008.

XYPAS Rosiane, FERNANDEZ Elaine, LAURENDON Candy. **Comunicação e interculturalidade**: educação, novas tecnologias e linguagens - Recife: Editora UFPE, 2018.

ZANNIN, Sarah e SILVA, Larissa **Tempos de avosidade**: reflexões sobre família, pessoa idosa e Direito. Disponível em: <<https://ibdfam.org.br/artigos/1505/Tempos+de+avosidade:+reflex%C3%B5es+so+bre+fam%C3%ADlia,+pessoa+idosa+e+Direito>> Acesso: 03 de Julho de 2022.

